Anarquia dos Nomes Próprios

D. ANTÔNIO LUSTOSA

A professora da escola primária de X.. é diplomada. Mais ainda: esmera-se em falar corretamente e exige dos seus alunos a máxima correção no modo de se expressarem. Nos últimos exames, quís reprovar uma menina do terceiro ano porque na composição escreveu: "Quando a borboleta avoou, a velhinha se assustou".

Achou a professora que escrever **avoou** era êrro imperdoável.

O inspetor escolar consultado, propôs que se baixasse um pouco a nota, mas não julgou caso de reprovação. A professora, porém, foi irredutível. "Avoou — repetia ela — é intolerável. Basta êste êrro para inutilizar a prova".

Naturalmente ignorava a professora que no latim temos os dois verbos **volare** donde veio **voar** e **advolare** donde se originaria **avoar**. E não é tão comum em português prefixar-se um a aos verbos? Haja vista: levantar e alevantar, soprar e assoprar, sentir e assentir, soar e assoar, baixar e abaixar, balançar e abalançar, bastar e abastar, carrear e acarrear, colher a acolher, gasalhar e agasalhár, etc., etc.

São muito numerosos êsses verbos que começam em **a** e admitem a forma aferesada.

Muitas vêzes há alguma diferença de sentido entre as duas formas e outras vêzes têm o mesmíssimo sentido.

Se a professora de X... conhecesse o grande número dêsses casos não reprovaria a sua aluna.

Por ocasião da sêca aparecem no sertão os bandos imensos de "avoantes". A rigorosa professora de X... não quererá que se diga "Avoantes"?

O interessante é que a professora se assinava Dalgisa de tal. Quando a queriam convencer de que se deveria assinar Adalgisa, respondia: "Fui batizada assim. Adalgisa será outra pessoa, não eu". Vê-se que o **a** não gosava da simpatia da professora.

Os nomes próprios têm horror à gramática. Não há lei que os governe. Então em matéria de prosódia, reina o despotismo entre os nomes próprios. Por mais absurdo que seja a pronúncia do nome de fulano de tal, todos se hão de

submeter, porque afinal êsse indivíduo será conhecido através dêsse nome e não de outro; é a êsse nome que êle acode.

O nome do célebre general cartaginês tinha pronúncia proparoxítona em latim: **Hánnibal**; entre nós o nome é paroxítono: **Aníbal**; há um verso nos **Os Lusíadas** em que se exige a pronúncia oxítona: **Anibál** ("Vereis como Anibál escarnecia").

É questão de moda muitas vêzes. Se a moda exige que se pronuncie Cleófas, ninguém pronunciará **Cléofas**.

Não é raro encontrar-se, entre nós, o nome **Adelaíde** em vez de **Adeláide**. Aliás o caso não é novidade. Temos os nomes Lúcia e Luzia, ambos tradução do Lúcia latino. Essas formas divergentes aparecem na língua, às vêzes, por interferência de outra língua. Assim Luzia provàvelmente se deve à interferência do italiano **Lucía**, ao passo que **Lúcia** provem diretamente do latim. A orígem, porém, dessas formas divergentes, em se tratando de nomes próprios, é, muitas vêzes, uma pronúncia errada inicialmente, que depois se generalizou e constituiu moda. Por essa mesma razão, muitas vêzes encontramos nomes próprios aplicáveis indiferentemente ao homem ou à mulher.

Dos nomes próprios que apresentam formas divergentes, um dos mais interessantes é **Jacob** que no latim se escreve também **Jacobus**. Dêsse nome originaram-se os seguintes em português — Jacó, Jaime, Jaques, Iago, Tiago, Jácome. A forma Tiago provàvelmente é contrata de Santo Iago ou Santiago. Os espanhois usam como prenome Santiago que nós usamos como sobrenome. Fenômeno semelhante se encontra entre os nossos habitantes do interior, em relação a Santana que usam também como prenome.

As fórmas divergentes dos nomes próprios, geralmente, não apresentam grande diferença entre si, como Antônio e Antão, Emanuel e Manuel, Benedito e Bento, Lúcia e Luzia, Aloísio e Luís, Tomás e Tomé, Ágata e Águeda, Felix e Felício, Romano e Romão, Julião e Juliano, Adrião e Adriano.

Com relação ao nome Luís, cumpre notar que pode derivar de **Aloisius** ou de **Ludovicus**.

Alguns poucos nomes se distanciaram muito das formas latinas, por exemplo. **Gil** de Aegidius que deu também **Egídio**; **Oscar** de Ascarius que deu também **Ascário**.

Gastão correspondente ao latim **Vedastus**, que nada tem de semelhante com Gastão.

Nos estudos etimológicos, nada mais ingrato do que pesquisar a orígem dos nomes próprios. Com efeito, muitos deles foram formados sem respeito algum às leis etimológicas.

O critério da formação dêsses é, não raro, o capricho. Por vêzes, o nome de uma criança é a fusão arbitrária dos nomes **paterno** e materno. Quem pode descobrir o étimo dessa fusão?

Outras vêzes, um apelido doméstico, inteiramente sem sentido, é arvorado — com o tempo — em nome próprio.

Ao lado dêsses,há nomes constituidos normalmente com elementos do vernáculo ou do grego (Teófilo — amigo de Deus; Crisóstomo — boca de ouro) ou do atim (**Maristela** — estrêla do mar; **Rosalba** — rosa branca) ou de outro idioma.

Vários dos nossos prenomes oferecem forma semelhante com variação apenas

da terminação, tais como Fernando e Fernandes, Álvaro e Álvares, Pero e Peres, Martim (martinho) e Martins, João e Joanes, Mendo e Mendes. Alguns filólogos querem ver nessa segunda forma um genitivo da primeira como a significar (por ex.) Fernandes — filho de Fernando; Álvares — filho de Álvaro, etc. Os ingleses juntam ao prenome um s precedido de apóstrofo, para significar precisamente filiação.

Geralmente a primeira forma se usa como prenome — Fernando, Álvaro, etc., e a segunda como sobrenome — Fernandes, Álvares. Nosso povo, por vêzes, usa a segunda também como prenome.

Os italianos usam Álvaro como sobrenome, mas pronunciam Alváro e não Álvaro.

Os espanhois escrevem com z os sobrenomes Menendez, Alvarez, Fernandez. Por essa razão tais nomes são erradamente pronunciados pelo nosso povo como oxítonos: Alvarêz, Fernandêz, Juarêz, etc.

O nome próprio era, a princípio, em muitos casos, um nome comum, por exemplo: Pedro (pedra), Leão, Estela (estrela), Rosa, Margarida, Violeta, Aurora, Safira.

Também os adjetivos se transformaram em nomes próprios, v.gr.: Plácido, Modesto, etc. Vários dos que designam alguma côr, deram um nome próprio: Cândido, Alba, Branca, Clara, Mauro (escuro), Rufo (ruivo), Amarílio (amarelo), Glauco (verde), Flávio (cor de ouro), Lauro (louro).

Na Bíblia encontram-se nomes próprios que sintetizavam uma frase inteira. Assim a Moisés foi dado êsse nome para significar que tinha sido salvo das águas.

O pai de Gersam deu-lhe êsse nome para significar: "Fui viandante em terra estrangeira" (Êxodo — Cap. II — 22). E ao outro filho deu o nome de Eliézer para significar: "O Deus de meu pai, meu defensor, me livrou das mãos de Faraó" (Idem-Ibidem).

Ao pai de Isaac foi dado o nome de Abraão porque constituido pai de muitos povos (Gen. XVII — 5).

Na história de Jacob se conta que, tendo êle lutado com um personagem misterioso, êste lhe mudou o nome de Jacob para o de Israel, que significa "forte contra Deus" (Gen. — Cap. XXXII — 28).

Como se vê, os nomes próprios oferecem campo interessante aos estudiosos, apesar de serem muitas vêzes rebeldes às leis gerais que os nomes comuns dòcilmente respeitam. Ou talvez por êsse mesmo fato de serem rebeldes, achamos interesse em descobrir seus caminhos caprichosos, as causas que concorreram para a anarquia que entre êles sempre reinou.